



PROSA

Dois Dedos de

Nº 42 - Recife PE - Setembro de 2004

De tudo tem

Flores, frutos, sementes, raízes...
Agricultores familiares apostam na
agrofloresta, consórcio de várias
espécies em uma só área, e
diversifica a produção.

Leia páginas 3, 4, 5 e 6

Fotos: Fábio Pereira



Feijão: bater para tirar o grão da bagem

Foto: Laudence Oliveira

Tem mais:

Dia de Visita

Pág. 3

Comendo Palma

Pág. 7

Teoria e Prática

Pág. 8

É bom diversificar

O jornal dois Dedos de Prosa chega mais uma vez até você com informações sobre o sistema agroflorestal e o trabalho realizado pelo Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Nesta edição, não vamos trabalhar com um tema base que orienta todas as matérias, como vínhamos fazendo. Tomamos a liberdade de diversificar as informações para ampliar o universo da notícia. O conteúdo, no entanto, mantém a sua característica: agricultura familiar agroecológica.

Neste número, o agricultor Luiz Gonçalves é o entrevistado do Dois Dedos de Prosa. Na entrevista ele fala do seu sítio e como gosta de zelar sua terra. Com o seu próprio jeito, ele diz como planeja o cultivo do solo para garantir fertilidade e produção o ano inteiro.

Vamos lembrar o forró de aniversário dos onze anos de existência do Centro Agroecológico Sabiá, em Triunfo, Sertão de Pernambuco. Lembramos, ainda, da solenidade de entrega do título de Utilidade Pública, concedido ao Sabiá pela Câmara Municipal de Triunfo.

Saiba, também, o valor nutritivo da palma e como ela pode ser importante na dieta alimentar da família.

Aproveitem bem este Dois Dedos de Prosa.

Para recordar

Centro Sabiá festeja seus onze anos



Fotos: Pieter Vranckx

Centro Sabiá festeja seus 11 anos de existência, dia 8 de julho, em Triunfo - Sertão de Pernambuco. O forró e a animação duraram até a madrugada. O forrozeiro Zé do Brejo (na zabumba) animou a festa.



A Câmara Municipal de Triunfo concedeu o título de Utilidade Pública ao Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, proposto pelo vereador Antônio Estevão (Tonez) do PPS. A Sessão solene para entrega do título aconteceu na Pousada Baixa Verde, em Triunfo, dia 8 de julho.

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. **Endereço:** Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE - CEP: 50.050-080. **Fone/Fax:** (81) 3223.3323 / 7026. **E-mail:** sabia@centrosabia.org.br. - **Diretoria:** presidente - Jones Severino Pereira; vice-presidente - Domingos Sávio; secretária - Sandra Rejane. **Coordenação:** coordenador geral - José Aldo dos Santos; coordenador técnico - Joseilton Evangelista; coordenadora administrativa - Verônica Batista. **Equipe Técnica:** Adeildo Fernandes da Silva, Alexandre Henrique Pires, Antônio Carlos Ferreira, Cleize Mota, Fábio José Pereira, Pieter Vranckx e Vilmar Lermen. **Equipe Administrativa:** Edneide Alves, Janaina Ferraz, Margareth Carneiro, Pedro Eugênio da Silva, Vânia Luiza Silva e Valdemir Rodrigues. **Projetos Especiais:** Carla Maria de Oliveira, José Dionizio Ferreira, Reginaldo José da Silva, Sara Regina Rufino e Wallas Rodrigues Marra. **Redação e edição:** Laudence Oliveira (DRT/PE 2654). **Estagiária:** Ana Lira. **Diagramação:** Marta Braga. **Apoio:** ICCO, Ministério do Meio Ambiente, TDH e Misereor. **Tiragem:** 2.000 exemplares. **Impressão:** Provisual Divisão Gráfica

* O Dois Dedos de Prosa é impresso em papel reciclado.

Sertanejos acolhedores

Agricultores recebem equipe do Centro Sabiá

Durante o monitoramento do Centro Sabiá, em julho, dois agricultores do Sertão de Pernambuco receberam a visita da equipe de trabalho da entidade. O jovem Léo, Irael Merêncio Pereira, do assentamento Queimada Nova, em Sertânia, e o senhor Noé Ursulino de Souza, de Carro Quebrado, Triunfo, receberam de braços abertos a família Sabiá, da qual também fazem parte.

As visitas abriram a avaliação do primeiro semestre do Centro Sabiá e planejamento dos trabalhos para o restante do ano. A atividade faz parte do jeito de trabalhar do Centro Sabiá. "É um momento onde procuramos envolver toda a equipe do Sabiá, não só

Ao lado: Léo, de boné sem óculos, recebe equipe

Abaixo: Noé faz caldo de cana



Fotos: José Aldo

os técnicos que acompanham as áreas, com os agricultores e suas famílias", avalia José Aldo, Coordenador Geral da entidade.

No assentamento Queimada Nova, Léo mostrou seu pedacinho de terra onde já começa a fazer a sua agrofloresta. Ele é um dos jovens que aposta nesse jeito de trabalhar a terra sem agredir a natureza e o solo. Seu entusiasmo é tanto que os seus olhos se voltam para o futuro. "Eu quero ver isso aqui uma mata só. Cada muda que eu planto, eu vejo o futuro dela: grande, bonita. Sei que tô no caminho certo", diz com uma certeza que anima.

Em Carro Quebrado, o veterano seu Noé não esconde a alegria em mostrar o que construiu no seu sítio. As frutas são a base da sua plantação: laranja, mamão, goiaba, pitanga, acerola e tantas outras, cobrem a sua terra de beleza e fartura. Não falta a macaxeira, o feijão, o milho, a cana-de-açúcar. Tudo produzindo sem o uso de adubos químicos. "A gente planta orgânico, sem agrotóxico. Essa é a linha que o Sabiá nos ensinou", explica seu Noé orgulhoso. Para encerrar a visita, no final da tarde, Miltinho puxa um forró-pé-de-serra da sua sanfona e seu Noé brinda as visitas com seu famoso caldo de cana.

Ribeirão tem feira orgânica



Foto: Edinho Pereira

Uma nova feira de produtos orgânicos foi inaugurada, em agosto, no município de Ribeirão, Mata Sul de Pernambuco. A feira é organizada pela Associação dos agricultores Agroflorestais de Ribeirão (Aflora), em parceria com a prefeitura de Ribeirão e o Cendap e contou com o apoio do Sebrae.

O novo espaço de comer-

cialização de produtos sem agrotóxicos fica no centro da cidade, ao lado da Secretaria de Agricultura do município. Entre os participantes da feira estão cinco famílias de agricultores dos assentamentos Serrinha e Águas Claras. Eles são associados da Aflora. A feira acontece toda sexta-feira, das 5 horas da manhã até às 4 horas da tarde.

Uma história de encanto e ac

Luiz Gonçalves planeja a plantação do seu sítio de forma que

A história do senhor Luiz José Gonçalves com o sítio São Gonçalo começa por um encantamento. De passagem por Santa Cruz da Baixa Verde, Sertão de Pernambuco, encantou-se por dona Severina. Casaram-se, tiveram dois filhos e há 27 anos vivem do que a terra dá. No início, fazia na terra o que o sogro decidia, já que ela não lhe pertencia. Depois da morte do sogro, conseguiu comprar a parte da cunhada e hoje chega até a duvidar que o sítio São Gonçalo agora é seu de verdade. “É como se fosse quase um sonho”, diz maravilhado senhor Luiz. Preocupado em ter um bom solo, ar saudável e boa produção, optou em trabalhar com agrofloresta – consórcio de várias espécies em uma única área de terra. O resultado alegra o senhor Luiz, que planeja sua área de forma que sempre tenha o que colher na sua terra. Acompanhe a entrevista.

Dois Dedos de Prosa – Quando o senhor resolveu fazer agrofloresta?

Luiz José Gonçalves – Já tá com uns dois anos que a gente vem trabalhando aqui.

DDP – O senhor mostrou duas áreas onde está fazendo agrofloresta. Uma mais recente e outra mais antiga, como o senhor começou a mais antiga?

Luiz – Essa foi por minha natureza mesmo. Eu sempre sonhava com um sítio. Às vezes eu queria plantar um sítio aqui, mas o meu sogro dizia: - não, não vamos fazer não, porque isso aqui é pasto. Eu não tinha voz ativa, porque o terreno não era meu. Ele faleceu, chegou a irmã dela (da esposa) e disse que veio vender a sua parte. Então, eu comprei. Aí comecei a plantar por minha conta. Aqui eu já colhi até dez sacos de café.

DDP – Quais foram as primeiras plantas que o senhor plantou?

Luiz – Bananeira, abacate, laranja, pinha, cajueiro e café.

DDP – Por que o senhor pensou em plantar logo essas espécies?

Luiz – Porque eu sempre achei bonito. Eu não pensava no futuro, mas eu

sempre achava que protegia o ar. Sempre eu pensei nisso, porque o oxigênio é vida. Você não pode pegar um terreno e deixar ele desprevenido. Você tem que cobrir o solo. Toda vida, eu sempre pensei assim.

DDP – Agora, o senhor está plantando outras espécies, nessa área mais antiga, qual a sua intenção ao plantar essas outras plantas novas?

Luiz – Olha, isso aí eu já tô pensando num futuro melhor. Porque já sei que está se criando uma micro-indústria em Triunfo pra dá cobertura aos agricultores. Aí, eu plantei muita cana, manga, goiaba, acerola. Plantei cajá, já pensando nesse futuro.

DDP – E a área nova, como o senhor planejou ela?

Luiz – Olha eu planejei essa área assim: destoquei o mato, espalhei na terra. Quando eu espalhei na terra, veio a Cleize (técnica do Sabiá). Ela começou a área comigo. Ela sempre indicando que eu trabalhasse preservando o solo. Cultivasse a terra pegando o adubo que sai dela e não queimasse, espalhasse sempre na terra e, plantasse milho, feijão, bananeira, acerola, todo tipo de fruta.

DDP – Quando o senhor decide o

que vai plantar, o senhor também define a quantidade de mudas que vai plantar?

Luiz – Eu não conto as mudas antes. Eu sempre gosto de plantar o espaçamento de seis metros. Seis por seis, doze por doze. Vai depender do tipo de planta que você vai plantar. Por exemplo, o cajá; o cajá você tem que plantar dez por dez, porque ele cresce muito.

DDP – Dez por dez quer dizer que são dez metros de distância entre cada pé de árvore plantado?

Luiz – Isso mesmo. Os outros plantios: a laranja e a goiaba você pode plantar seis por seis, porque são árvores menores. No espaçamento dá para plantar o que você quiser: o feijão, o milho, repolho, o gergelim, o feijão de porco, o capim de corte, a cana. Contando, que deixe o espaçamento necessário. Você vai cultivando a área e plantando outras espécies que achar melhor e mais lucrativa. E nada de acabar com o solo da terra. O negócio é cobrir o solo.

DDP – Na agrofloresta, plantam-se árvores nativas e outros tipos que não dão produção, especificamente. Qual

tenha o que colher durante todo o ano



Foto: Landence Oliveira

o objetivo de plantar esse tipo de árvore?

Luiz – Ela não interrompe a natureza. Pelo contrário, o adubo que cai dela já vai cultivando as outras. Aqui mesmo eu tenho muitas delas: tamboril, canafístola, pitomba, laranjinha... O importante, é que nenhuma interrompe a vida da outra.

DDP – *Como o senhor faz para não ter problema durante a seca?*

Luiz – Durante o período seco eu trabalho ao redor do poço, porque tem água. Aí, eu vou arrumando o da despesa: a verdura umas coisas e outra. E tem o sítio aqui (onde tem as fruteiras), na época certa ele fica produzindo. Pra começar, a cirigüela mesmo, ela tá caindo a folha agora. Safrejar, ela só safreja na seca.

DDP – *O ano inteiro o senhor tem como manter a casa?*

Luiz – Tenho, não falta não. Olhe, sai a cirigüela, entra a pinha. Termina a

pinha, chega o milho e o feijão. Termina isso aí vêm as outras culturas: o tomate, a banana. A banana, por exemplo, quando começa a safrejar dar direto. Contando que você zele. Cuide em zelar, não deixe o mato maltratar, coloque a cobertura morta, faça a poda. Eu nunca usei adubo químico. Não precisa, só é colocar o “basculio” no pé da planta e ali ela cresce que é uma beleza.

DDP – *O senhor conta uma história sobre o dinheiro que gastava com a compra de algumas verduras e que agora não compra mais. Como é mesmo a história?*

Luiz – É o seguinte: sempre de manhãzinha, na segunda, Severina dizia: - Oh Luiz, me dê um dinheiro aí pra eu comprar pimentão e coentro. Eu olhava assim: tanta água que eu tinha e só comprando essas coisas. Aí, eu olhei pra Marcelo (um dos filhos) e disse: - Oh Marcelo, pegue esse dinheiro compre o coentro e o pimentão, mas compre também as se-

mentes, porque a gente vai deixar de comprar isso. A gente agora vai é produzir. Pronto, agora a gente tem. Num compra mais.

DDP – *Hoje, o que o senhor não compra, tira da sua terra?*

Luiz – Olha, depois que eu comecei nessa área aqui, eu só compro o que ela não produz: arroz, açúcar, o macarrão, sabão, produto de limpeza.

DDP – *O senhor faz levantamento da produção que tira da sua terra?*

Luiz – Na minha área esse ano eu vou tirar de 35 a 40 sacos de feijão. Apenas de um hectare eu vou tirar uns dez sacos de feijão, que são 600 quilos. Pra casa eu fico com três ou quatro sacos que dá pra comer o ano inteiro. O outro eu troco pelo dinheiro.

DPP – *O dinheiro compra o quê?*

Luiz – Roupa, calçado, algum remédio. Essas coisas. Mas, eu nunca esperava ter um terreno como esse, produtivo.

DDP – *Por que não esperava?*

Luiz – Primeiro, porque eu não era daqui. Morava em Santa Cruz da Baixa Verde. É como se fosse quase um sonho: passando por aqui deu certo esse casamento e, eu tô aqui.

DDP – *O senhor acertou a noiva e o terreno?*

Luiz – Foi (concorda rindo). Eu andando aqui, subindo nessa serra, dei com essa mulher e me casei. Hoje, tô com esse terreno.

O técnico e o popular

Unindo os saberes, crescem os resultados

A união de novas técnicas de plantio, com o conhecimento do agricultor são bem valorizados nas práticas do Centro Agroecológico Sabiá, no trabalho com agrofloresta. No assentamento Águas Clara, em Ribeirão, Mata Sul de Pernambuco, o agricultor Pedro José dos Santos procura unir conhecimentos adquiridos com os mais antigos à prática agroflorestal.

As fases da lua, os sinais que a natureza envia e os períodos próprios para cada cultura, são observados com cuidado. “A lua nova é um tempo bom para plantar. Agora, é bom plantar em cada troca de lua, três dias antes ou três dias depois”, explica o sr. Pedro. Depois que ele experimentou o sistema de agrofloresta ficou ainda mais animado. “O pessoal do Sabiá não ensina plantar uma coisa pra não dar. Aqui, a gente estuda junto pra ver o que é melhor”.

Na sua terra há uma diversifi-

cação de cultura e o ano inteiro tem produção. “Daqui eu já tirei maracujá, verduras, guandú, graviola, ingá, araçá. Um bocado de coisa”, lista. Em outro local, ele já pensa em organizar o espaço de outra forma: “a estrutura é variada. Sapoti tem em quantidade. Tem abacaxi, mamão, jambo”.

A época de plantar - De acordo com o sr. Pedro, final de agosto e início de setembro é um ótimo período para plantar melancia e inhame. “Agora a gente pega a terra quente, germina mais ligeiro. A maior energia que a gente pode tirar da terra é agora, porque ela teve água, agora o sol bate e ela sua. Quando sua, sobe aquela energia. A gente planta a lavoura, ela cresce com aquela força”, diz senhor de sua sabedoria. Ele completa: “essas experiências eu peguei

com meus avôs. Ainda hoje eu faço isso e vem dando certo”.

O fato é que o agricultor Pedro José dos Santos não para de experimentar. Atualmente quer saber se é possível produzir uva na zona da Mata. As mudas que trouxe da região do São Francisco foram multiplicadas e prometem. “Estou fazendo uma sementeira e já tem quase 600 pés de uva para fazer o plantio”. Na terra do senhor Pedro, a natureza agradece tanta disposição e criatividade. Lá, há um pequeno paraíso agroflorestal, que ele cuida com o maior carinho junto com o filho e a filha adolescentes.

Fotos: Laudence Oliveira



Sr. Pedro com a família e na área agroflorestal, Ribeirão - PE

Palma se come e é nutritiva

Pesquisa da UFPE confirma que ela tem vitamina A

“Menina, e isso se come?”, esta é a pergunta que a nutricionista Juliana Oliveira ouve constantemente, quando mostra, ao público, um livro de receitas que tem a palma como alimento principal. Ela participa de uma equipe de pesquisa, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que estuda o uso da espécie na garantia da segurança alimentar. Uma coisa que já é feita no México há mais de vinte mil anos.

De acordo com Juliana a palma é um alimento comestível. “Ela tem valor nutricional, contém vitaminas e minerais, com mais destaque para a vitamina A e para o ferro”, afirma. No México, segundo ela, existem pesquisas que mostram que a palma tam-



Foto: Ana Lira

No Sertão, a palma é importante na recuperação do solo

bém e ótima para a saúde. “Lá, há estudos que mostram a redução da glicose no sangue, e resultados para

quem está em tratamento de colesterol e redução de peso”.

A pesquisa da Universidade quer aprofundar as experiências com as palmas do semi-árido brasileiro. Apesar dos benefícios que ela traz para a saúde, ainda existe muito preconceito em relação a essa planta. Popularmente, a palma é conhecida como alimento para o gado, ou como alternativa de alimento para as famílias pobres, durante a seca. Para Juliana, no entanto, ela deveria ser uma opção de alimento saudável e fácil de preparar (veja receita ao lado). “O que a gente quer é que a palma possa estar na mesa de qualquer pessoa”.

Centro Sabiá – O trabalho realizado pelo Centro Agroecológico Sabiá no Sertão e semi-árido, nunca deixou de lado a palma. A espécie sempre está presente na implantação dos sistemas agroflorestais já que ela contribui para a recuperação da terra. Hoje, uma das preocupações do Centro Sabiá é justamente introduzir a palma na dieta alimentar das famílias rurais e urbanas:

Delícias da Palma

Receitas de pratos simples e sofisticados podem ser encontradas no livro Broto de Palma – Sabor e Nutrição. A obra está na terceira edição e traz 53 receitas de salgados, saladas, doces, sucos e conservas utilizando a palma. A seleção foi feita por seis pesquisadoras dos estados de Pernambuco, Paraíba e Bahia, e faz parte de um projeto que tem o objetivo de divulgar as contribuições da palma para a segurança alimentar.

Creme verde de palma

Ingredientes

500g de palma picada

1 cebola ralada

1 dente de alho

1 xícara de leite

1 xícara de água

2 colheres de óleo

1 colher (sopa) de farinha de trigo

100g de queijo de coalho

Sal a gosto

Preparo

Tire os espinhos e lave a palma

como se faz com outros vegetais. Depois, coloque em água fervendo, durante três minutos, com um pouco de vinagre, para retirar a baba (como é feito com o quiabo). Retire da água e corte em cubos ou tirinhas. Em outra vasilha, misture o queijo, o leite, a água e a farinha. Logo depois, refogue a palma com óleo, cebola e alho e acrescente a mistura, mexendo bem para encorpar o creme. Deixe ferver. Sirva quente.

A prática do conhecimento

Centro Sabiá promove curso sobre sistemas agroflorestais

O desenvolvimento da Agricultura Familiar recebe mais um incentivo neste segundo semestre. O Centro Sabiá realiza entre os dias 5 e 9 de outubro, em Camaragibe, Pernambuco, um curso sobre Sistemas Agroflorestais. O evento tem o objetivo de capacitar os técnicos do Centro Sabiá, de organizações parceiras e os agricultores que difundem a agrofloresta.

A atividade servirá para aprofundar conceitos sobre a agricultura agroflorestal e a sua implantação em comunidades rurais. Entre os temas abordados estarão: os aspectos locais e regionais das áreas em que se pretende implantar uma agrofloresta, o uso sustentável da terra e a biodiversidade.

O curso também contará com visitas de intercâmbio nas áreas agroflorestais, que são referências dentro do trabalho do Cen-



Foto: Michele Souza

O sítio de Paciência, em Ribeirão, receberá os participantes do curso.

tro Sabiá. O Sítio São João, de Jones Pereira e Lenir, na comunidade de

Inhamã, em Abreu e Lima, vai receber os participantes no dia 6 de outubro, para a primeira experiência de campo. No dia 8, a prática acontece na área do agricultor Paulo Sebastião, o Paciência, no município de Ribeirão. Lá, haverá atividades de implantação e manejo em sistemas agroflorestais. Para encerrar, as equipes devem conhecer o Espaço Agroecológico, que são as feiras onde são comercializados os produtos cultivados pelos agricultores agroflorestais.

Entre as organizações parceiras que confirmaram sua participação estão: associações de agricultores familiares, ONGs e representantes de igrejas dos estados de Pernambuco e Ceará, e técnica do Distrito Federal.

Cooperação Internacional

O Centro Agroecológico Sabiá participou do seminário de 40 anos da Volens, entidade belga que realiza trabalho de cooperação em países do Terceiro Mundo. O evento aconteceu no final de setembro, em Bruxelas, Bélgica, e o Centro Sabiá foi representado pelo seu Coordenador Geral, José Aldo dos Santos.

No seminário, a Volens discutiu a importância de manter o trabalho de cooperação nos

países onde atua. Atualmente, o Centro Sabiá conta com um técnico cooperante da Volens, Piéter Vranckx, que compõe a equipe de trabalho do Agreste.

Durante o evento, José Aldo falou sobre o momento atual do Brasil e do Nordeste, destacando o trabalho realizado pelo Centro Sabiá na área da agroecologia. Ressaltou, também, a importância de contar com um técnico cooperante na sua equipe.